

Ler e escrever: Que práticas queremos ter?

Juliana Felix Silva (UERJ/ EDU)
Rosângela Bezerra dos Reis Lima (UERJ/ EDU)

Eixo Temático: Leitura é problema de quem?

Resumo

Nosso trabalho tem como objetivo discutir e percorrer caminhos que facilitem as práticas educativas. Questionar as práticas de ensino nas escolas que por muitas vezes continuam reproduzindo suas metodologias tradicionais, causando o desinteresse e desestimulando o aluno em seu processo de ensino e aprendizagem. Principalmente focalizamos o “ler e o escrever” na escola. Buscando compreender o que é leitura apontando alguns caminhos facilitadores para formação do leitor e escritor proficiente.

Introdução

Este trabalho tem por finalidade discutir a prática de leitura na escola, convidando os educadores a fazerem uma introspecção de suas práticas cotidianas, revendo a importância de seu papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem e no despertar o interesse pela leitura.

Desenvolvimento

Nosso trabalho surgiu a partir de algumas reflexões sobre as práticas rotineiras na escola. Professores das disciplinas de matemática, ciências, história, geografia, precisam perceber que a leitura abre caminhos e percepções para uma melhor compreensão e aprendizado, e que o ato de ler e o de escrever não estão destinados e reservados somente às aulas de português.

As práticas têm sido em sua maioria abordadas de maneira equivocada, centralizada no professor e nos livros didáticos, sem uma auto reflexão de quais contribuições podem realmente ampliar o conhecimento do aluno.

Nossos apontamentos tiveram como base os estágios de observação nas séries iniciais da educação fundamental, falas dos alunos e também nossas experiências como alunos.

O professor quer dar o conteúdo e o conteúdo é o livro didático. As questões são meras cópias e reproduções onde o aluno terá que cumprir o seu dever de respondê-las. Os textos em geral não contribuem para uma leitura significativa, apenas legitima uma educação para reprodução, uma reprodução mecânica do ato de ler.

Anualmente as escolas produzem pessoas com habilidades de ler e escrever, mas que em sua maioria não conseguem fazer uma leitura significativa de um texto, são apenas decodificadores, analfabetos funcionais.

Alunos sentados em cadeiras desconfortáveis, durante horas, ao longo dos anos, ouvindo alguém supostamente mais inteligente, sobre coisas que este mesmo vagamente entende e dificilmente contribuirá para que seus alunos entendam. Não estão lá porque escolheram, mas porque alguém os levou. Esta tem sido nossa freqüente realidade. Professores fingem que ensinam e alunos pensam que aprendem.

O que fazer para mudar?

(...) É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise deve dela "aproximá-lo" ao máximo. Quanto melhor faço esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também. (FREIRE, 1996, p. 39-40).

Nesta citação, podemos observar a necessidade do **educador sempre rever sua prática e não se acomodar, encarando a realidade e buscando conhecimentos e práticas que lhe darão suporte para realmente desempenhar o papel pelo qual foi preparado e em seu processo de formação.**

Precisamos de educadores apaixonados pelo que fazem e certos de sua importância na educação de seus alunos para exercerem seu papel na sociedade.

É papel da escola e do professor ensinar a ler, ampliar o gosto pela leitura e escrita e orientar a escolha de materiais de leitura, principalmente pelo fato da maioria dos alunos não possuírem o hábito de ler.

Para se desenvolver desde cedo o gosto pela leitura e escrita é preciso haver a participação e a presença contínua do professor, que deverá atuar como mediador e ser, antes de tudo, um leitor.

Um professor que não lê, jamais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que os alunos leiam. Precisa ler para os alunos, ler com eles e saber ouvir as leituras, dos textos que eles próprios produzem ou escolhem para ler.

O ensino da leitura é fundamental para dar solução de problemas relacionados ao baixo aproveitamento escolar. Por esse motivo, cabe não só ao professor de português resolver o problema, mas a todo e qualquer professor a função de garantir a participação plena de seus alunos na sociedade letrada, conduzindo a leitura como uma prática alternativa, uma proposta renovadora e inovadora.

O ato de ler não significa apenas a junção de letrinhas em sílabas, decodificação pura da palavra, e sim a compreensão crítica do texto e o contexto. Podemos compreender isto nas palavras de Rubem Alves:

“ Quem não ler é cego. Só vê o que os olhos vêem. Quem lê, ao contrário, tem muitos milhares de olhos: todos os olhos daquele que escreveram. (ALVES, 1999, p.62)

Considerações finais

A escola vem se constituindo como espaço privilegiado para a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo da criança com o ler e o escrever.

Sendo assim todos os principais envolvidos no processo educativo (escola, professor e aluno), precisam caminhar juntos entendendo que não há nada mais importante que o ato de ler e o prazer da leitura. Conscientes de seu papel de formadores de sujeitos críticos e reflexivos, que respeitem a individualidade do aluno, aproveitando sempre sua bagagem e leitura de mundo e com esta continuarem suas leituras.

Ensinar é dar condições ao estudante para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimentos.

Referências

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*, trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura).

TEIAS: Revista da Faculdade – UERJ – n.5, (junho de 2002) - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de educação, 2001.

<http://www.nossavia.com.br/entretenimento/o-ensino-da-gramatica-esta-matando-o-prazer-de-ler-de-nossas-criancas>

<http://pagina-de-vida.blogspot.com/2007/05/o-prazer-da-leitura-rubem-alves.html>